



**PERFORMANCE “O CULTO” E O PAPEL DA MULHER NA
BÍBLIA:**

Relatos de uma Criação Autobiográfica

**PERFORMANCE “O CULTO” Y EL PAPEL DE LA MUJER
EN LA BIBLIA:**

Relatos de una Creación Autobiográfica

**PERFORMANCE “O CULTO” AND THE ROLE OF WOMAN
IN THE BIBLE:**

Accounts of an Autobiographical Creation

Mariana Dias Pereira de Lima¹

Resumo

Este artigo propõe relatar uma experiência, por meio da narrativa autobiográfica, sobre o processo de criação da performance “O Culto”. No decorrer do texto, apresento e entrelaço minha relação pessoal com a religião, o feminismo e a performance. Por meio de ferramentas autoetnográficas e de pesquisa bibliográfica, proponho uma análise da intersecção entre performance, feminismo e religião, e sobre como esses temas me atravessaram, emergindo a necessidade de criar o trabalho artístico. Na discussão proposta, relato a criação da performance e teço, pontualmente, interpretações das passagens, usadas no trabalho, sobre como os homens representam a mulher na bíblia e a relação dessa representação com o patriarcado. A arte da performance possibilita desestabilizar (ainda que numa microesfera) o discurso dominante, bem como outras formas de dominação e opressão.

Palavras- chave: Performance, Feminismo, Mulher, Religião.

Resumen

Este artículo propone relatar una experiencia, a través de la narrativa autobiográfica, sobre el proceso de creación de la performance "O Culto". En el transcurso del texto, presento e interrelaciono mi relación personal con la religión, el feminismo y la performance. A través de herramientas autoetnográficas e investigaciones bibliográficas, propongo un análisis de la intersección entre performance, feminismo y religión, y sobre cómo estos temas me cruzaron, surgiendo la necesidad de crear trabajo artístico. En la discusión propuesta, informo de la creación de la performance y tengo, puntualmente, interpretaciones de los pasajes, utilizados en la obra, sobre cómo los hombres representan a las mujeres en

¹ Artista, performer, pesquisadora e professora de dança. Mestre do Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas da Universidade Federal de Uberlândia (PPGAC-UFU) sob orientação da Prof^a. Dr^a. Mara Lucia Leal. E-mail: marydiaszoe@yahoo.com.br

la Biblia y la relación de esta representación con el patriarcado. El arte de la performance permite desestabilizar (incluso en una microesfera) el discurso dominante, así como otras formas de dominación y opresión.

Palabras clave: Performance, Feminismo, Mujeres, Religión.

Abstract

This article proposes to report an experience, through the autobiographical narrative, about the process of creating the performance "O Culto". In the course of the text, I present and interlink my personal relationship with religion, feminism and performance. Through autoethnographic tools and bibliographic research, I propose an analysis of the intersection between performance, feminism and religion, and about how these themes crossed me, emerging the need to create artistic work. In the proposed discussion, I report the creation of the performance and I weave punctually, interpretations of the passages, used in the work, about how men represent women in the Bible and the relationship of this representation with patriarchy. The art of performance makes it possible to destabilize (even in a microsphere) the dominant discourse, as well as other forms of domination and oppression.

Keywords: Performance, Feminism, Women, Religion.

Introdução

Tudo é autobiográfico, até uma lista de compras
(Tabori apud Leal, 2014)

Pensando nas criações artísticas de modo geral, mesmo que não parta de uma questão pessoal, é impossível alguém realizar uma criação que se enquadre fora de seu contexto e de sua visão de mundo, o que, de alguma forma, faz com que toda criação/obra artística seja autobiográfica. Em vista disso, a proposta deste artigo é relatar uma experiência, ou seja, é tecer uma narrativa autobiográfica sobre o processo de criação da performance “O Culto”, mostrando os percursos e os atravessamentos que culminaram neste trabalho, ressaltando os acontecimentos e conceitos que o permeiam.

“O Culto” é um trabalho artístico, realizado pela linguagem da performance, que propõe discutir dogmas religiosos e gênero - temas que estiveram presentes na minha vida devido à minha criação em um lar autoritário, machista e cristão conservador. Meu pai era extremamente rígido comigo e com minha mãe, e se baseava sempre na bíblia para justificar seu autoritarismo e sua violência, repetindo versículos como “o homem é o cabeça da mulher”, “mulher tem que ser

submissa ao marido”, “filhos devem obedecer a seus pais”², entre outros. Desde cedo, me revoltei com essas atitudes dele e me identifiquei, ainda jovem, com as pautas feministas, mas demorei a colocar em cena as questões religiosas, pois tinha sido ensinada que era pecado questionar os ensinamentos de Deus. Por isso, aprendi que deveria acreditar na bíblia fielmente. Embora eu tivesse ressalvas com relação às passagens que falavam sobre a mulher, tinha medo de confrontá-las e sofrer um possível castigo divino, visto que faz parte da igreja implantar nos fiéis esse medo de Deus.

A escolha da linguagem da performance para realizar o trabalho também não foi por acaso. A performance se disseminou na segunda metade do século XX e se caracteriza por dar valor às ideias da/o artista. Porém agora, o que é exposto como obra de arte é o próprio corpo da/do artista em ação, que se torna sujeito e objeto da obra (CARLSON, 2010). Dito de outro modo, o corpo se torna o objeto de arte, com o intuito de colocar o sujeito em questão.

Minha relação com a performance e a arte contemporânea teve início em 2006, durante minha graduação (não concluída) em Artes Visuais. Na época, com dezoito anos e muito imatura, entrei no curso porque queria ser artista. A arte que eu praticava, até então, era a dança, mas, como não tinha graduação em Dança em Uberlândia, e eu gostava de artes plásticas, pensei que o curso de Artes Visuais me atenderia. No entanto, a graduação desestabilizou totalmente meu gosto pela arte e/ou a ideia que tinha de arte. Descobri que eu gostava de arte clássica até os movimentos de vanguarda; porém, quando começamos a estudar arte contemporânea, performance e arte conceitual, todos aqueles trabalhos eram intensos demais para a minha mente fechada, criada num lar conservador, tradicional e religioso.

Não conseguia absorver a complexidade do pensamento da arte contemporânea, que me incomodava, mostrava coisas que não queria ver sobre a realidade e sobre o mundo, “ofendia” meus dogmas, revelava o que estava oculto – por isso eu dizia que não gostava. Duchamp³ foi um caos para minha cabeça; a arte contemporânea e conceitual me perturbava de tal modo que acabei desistindo do curso. Contudo, esses elementos haviam me afetado e despertaram em mim vários questionamentos, que viriam à tona mais tarde.

Em 2010, a UFU divulgou que abriria o curso de bacharelado em Dança. Prestei o vestibular e passei. O ingresso no curso trouxe novamente minha resistência à arte

² 1º Coríntios 11: 3; Efésios 5: 22 e 23 e Efésios 6: 1 e 2 respectivamente.

³ Artista precursor da Arte Conceitual. Introduziu o conceito de *ready made* como objeto de arte. Seu trabalho que mais repercutiu foi “A fonte”, um urinol de porcelana branco, de 1917.

contemporânea, tirando-me totalmente do confortável e me desestabilizando emocionalmente, principalmente durante a disciplina de performance (teórica e prática), durante a qual tivemos que propor e fazer vários exercícios performativos que me incomodaram e me constrangeram – tais como intervenções no campus e em lugares públicos da cidade. Minhas questões, ao estudar a performance e vários performers durante a disciplina, eram: Por que a performance precisava ser assim tão agressiva? Por que incomodar quem assiste e quem faz? Não teria outra forma de abordar as questões sem ser por esse viés? Por que dessa forma? Eu levantei essas questões, visto que a maioria dos trabalhos que estudávamos envolvia autoflagelo, nudez e escatologia, e isso me incomodava muito. Embora eu não gostasse de realizar os exercícios performativos, comecei a ter um interesse enorme por estudar sobre a linguagem; ao mesmo tempo em que “não gostava”, me sentia atraída e curiosa para entender esses trabalhos.

Foi durante o término da minha graduação em Dança, em 2015, quando fiz uma reflexão sobre minha vida e sobre meu percurso acadêmico, que pude ver o quanto havia mudado e o quanto as questões religiosas me sufocaram, ainda que de forma inconsciente, durante minha trajetória. Foi quando todas as questões que eu tinha em relação à linguagem se esclareceram e tive um *insight* de fazer uma performance que abordasse feminismo e religião. Lembrei-me de algumas passagens bíblicas, específicas sobre as mulheres, que me ensinaram na igreja; quando as reli me causaram grande indignação, pois são passagens sexistas, xenofóbicas e racistas, entre outras coisas. Senti como se me tivessem feito engolir aquilo a vida inteira e tive vontade de reproduzir, através da performance, a ação de ler essas passagens e as engolir literalmente.

A ideia surgiu, mas ficou incubada. Porém, várias coisas aconteceram que intensificaram a vontade de criar esse trabalho. Entre essas coisas, me lembrei que teve um tempo, quando eu era criança, recém alfabetizada, que tinha que pregar (ler uma passagem bíblica e ensinar/explicar o que essa passagem queria dizer) para meu pai todos os dias, quando ele chegava em casa do trabalho, senão eu apanhava. Minutos antes de ele chegar, eu abria a bíblia em qualquer passagem e lia, depois lia para ele e tentava explicar com minhas palavras. Essa lembrança me trouxe muita dor, pois eu era uma criança, não sabia o que estava fazendo. Lia e “pregava” porque era obrigada, fazia para não apanhar.

Além dessa lembrança, no meio do ano (2016) aconteceu o impeachment da presidenta Dilma Rousseff, e os sentimentos de revolta e indignação foram muito grandes ao ver os deputados, a maioria homens, votando para seu afastamento injusto de forma tão machista,

baseando seus votos nos mandamentos bíblicos, em nome de Deus, dos filhos e da família. Essa performance política relacionada à ação dos deputados⁴, foi explicitamente uma violência de gênero em relação à presidenta Dilma e um verdadeiro gatilho emocional - me fez lembrar de várias situações que vivi e que presenciei na igreja. Fez-me lembrar, também, de como é agressivo esse conservadorismo cristão, como ele oprime as mulheres, as crianças, a comunidade LGBTQUIA+, ou seja, as minorias em geral, e como cega e aliena as pessoas.

Com muitas mudanças acontecendo na minha vida, inclusive o ingresso em outra graduação em 2017 (licenciatura em Teatro), se passaram mais dois anos e não consegui realizar a performance. Nesse tempo, o cenário político ficou ainda pior: em 2018, o candidato da extrema direita ganhou as eleições presidenciais e os conservadorismos político, econômico e religioso se tornaram muito mais agressivos e opressores que em 2016 após o impeachment.

Em 2019, tinha a sensação que iria explodir se não realizasse a performance, pois, além de todo gatilho emocional que o cenário político me causou com a intensificação do machismo e do fanatismo religioso, a graduação em Teatro me ajudou a focar e entender meus anseios artísticos. Percebendo que precisava de muita pesquisa, pois iria trabalhar com temas complexos, procurei orientação e dei início a uma Pesquisa de Iniciação Científica Voluntária (PIVIC). Comecei a estudar os conceitos que iria abordar, como feminismo, performances feministas e/ou autobiográficas e trabalhos artísticos de cunho religioso, no preparo teórico-prático para criação da performance. Usei, como procedimentos metodológicos, a autoetnografia, por permitir um “ir e vir entre experiência pessoal e as dimensões culturais, a fim de colocar em ressonância a parte interior e mais sensível de si” (FORTIN, 2009, p. 83) e a narrativa autobiográfica, por colaborar para ressignificar e extrair lições da experiência vivida (CRUZ, 2012). Após o levantamento do material, em dezembro de 2019 realizei a performance, a qual denominei de “O Culto”.

Performance, Feminismo e Religião

⁴ Marvin Carlson dedica o 2º capítulo (*Performance na Sociedade: abordagens sociológicas e psicológicas*) do seu livro para tratar de performances e comportamentos cotidianos, tendo como uma de suas referências o livro *The Theatre in Life* do autor Evreinoff, o qual afirma que nós estamos constantemente encenando partes da nossa vida quando estamos em sociedade. “Evreinoff emenda, citando a moda, a maquiagem e a vestimenta, as operações diárias da vida e os ‘papéis’ sociais de figuras representativas como políticos, banqueiros, homens de negócio, padres e doutores. Evreinoff considera a vida de cada cidade, de cada país, de cada nação como articulada pelo diretor de palco invisível daquela cultura, ditando os cenários, o figurino e os personagens de situações públicas em todo o mundo. Cada época tem seu próprio guarda-roupa e cenário, sua própria ‘máscara’.” (CARLSON, 2009, p.47).

Quando eu penso a arte contemporânea, principalmente a performance, penso numa arte questionadora e provocadora, que faz o público se inquietar, refletir e questionar sobre as ações da/do performer e sobre as questões levantadas. David Le Breton, antropólogo francês especialista em estudos do corpo e em temas como performance, *body art*, *body building*, entre outros, afirma que “as performances questionam com força a identidade sexual, os limites corporais, a resistência física, as relações homem-mulher, a sexualidade, o pudor, a dor, a morte, a relação com os objetos etc.” (BRETON, 2003, p.44). Breton afirma, ainda, que o corpo é onde o mundo é questionado, e que as intenções deixam de ser a confirmação do belo para serem uma provocação da carne.

O uso do material autobiográfico como recurso de criação em performances tem sido recorrente desde o florescimento da linguagem, na década de 1960, e permanece ativo até os dias de hoje. Geralmente, esse material é usado como meio para dar voz aos sujeitos e aos grupos marginalizados, sendo, na sua maioria, performances com fortes discursos sociais e/ou políticos (CARLSON, 2009). Embora a/o artista parta de suas questões pessoais, seus atravessamentos, geralmente, estão relacionados a algo que acontece também a outras pessoas, ganhando um caráter público. Performances que abordam questões de gênero, feminismo, racismo entre outros são exemplos de performances que têm esse caráter público. Sobre isso, a pesquisadora Ana Bernstein afirma que:

A performance solo autobiográfica tem, de fato, desempenhado uma função crítica na criação de um espaço discursivo para minorias que não se enquadram na normatividade do discurso ideológico dominante. Para aqueles relegados ao silêncio dentro do discurso dominante, a performance solo autobiográfica tem sido instrumental para a reivindicação por diversas minorias do papel de agentes sociais e na criação de uma “contra-esfera pública”. (BERNSTEIN, 2001, p. 92).

Bernstein, assim como outros autores, colabora com a pesquisa para refletir sobre a importância de trabalhos autobiográficos e sobre a relação que geralmente essas performances têm com reivindicações de minorias, funcionando como um contra-discurso à cultura dominante. Essa cultura dominante é representada pelo homem branco, heterossexual, cristão, burguês (LUGONES, 2014), excluindo todas/os que não possuem essas características.

As mulheres, como parte das minorias, lutam através do feminismo, por diversas pautas. Esse movimento se iniciou com a luta pelo direito à educação e ao voto e se estende até hoje, reivindicando equidade salarial, representatividade, enfrentamento à violência e ao racismo,

autonomia sobre o corpo e sobre a sexualidade, etc. Muitas artistas feministas encontram na arte - em especial na linguagem da performance – um caminho para a criação de seus trabalhos, demandando espaços de poder e expondo as pautas feministas. Stela Fischer, artista e pesquisadora que estuda a relação entre performance e feminismo na cena latino-americana, afirma que “as artes, portanto, passam a ser mais um meio sobre o qual formulam-se ideologias, geram-se desconcertos, resistências e rebeldias que rompem com marcos epistemológicos dominantes e com protocolos de disciplinamento heteronormativo.” (FISCHER, 2017, p.4). Márcia X., Michelle Mattiuzi, Regina José Galindo, Jaqueline Elesbão, Violeta Luna, Renata Carvalho são alguns exemplos de artistas que usaram a performance para criar resistências e romper com as estruturas dominantes.

A religião vinculada à cultura dominante e que sustenta o discurso patriarcal no ocidente é a cristã (católicos e evangélicos). No período de expansão colonial da Europa, a conversão ao cristianismo era usada como argumento da missão civilizatória para mascarar as reais intenções coloniais (expansão territorial e exploração de recursos e de mão de obra das colônias) e a brutalidade aos corpos das/os colonizadas/os, com violações e punições (LUGONES, 2014). O pensamento cristão se intensificou na Europa, no período de ascensão da sociedade burguesa (início do capitalismo) e do pensamento conservador. Além de beneficiar a ideologia capitalista de acumulação de riquezas, regulava e controlava a sexualidade das pessoas, por meio da confissão dos pecados (FOUCAULT, 1988).

O poder que a religião cristã adquiriu se constituiu na idade média através da implantação do discurso autoritativo⁵, definindo o que era certo e errado, exigindo a confissão dos pecados (palavras, pensamentos e ações), aplicando penitências e punições etc. (ASAD, 2010). Esse poder era executado pelo clero, formado por homens. Séculos mais tarde, com o surgimento da ciência moderna (Estado Moderno), as igrejas admitiram a necessidade de separar a religião do Estado, transferindo a responsabilidade religiosa para o indivíduo crente, dando início à secularização do Estado, ou seja, o rompimento do Estado com a igreja e a não intervenção da igreja nas decisões políticas e jurídicas – no Brasil, mais conhecido como laicidade e/ou Estado laico (MARIANO, 2011).

⁵ (Neologismo) Que tem autoridade ou estabelece uma relação de subordinação com outra coisa ou pessoa (ASAD, 2010).

Apesar do rompimento do Estado com a igreja, a maioria das leis era baseada na bíblia e mantinha os privilégios dos homens, colocando-os na posição de liderança, enquanto as mulheres permaneciam subjugadas. A mulher não tinha direito ao voto e nem à propriedade - se fosse casada, precisava, por exemplo, da permissão do marido até mesmo para trabalhar. No século XIX, a norte-americana Elizabeth Cady Stanton elaborou em conjunto com outras mulheres, uma obra de interpretação da bíblia para denunciar seus conteúdos sexistas. *The Women's Bible*, título da obra, “traz uma crítica radical ao uso das Escrituras contra as mulheres, denunciando desde a ausência e invisibilização das mulheres nos textos quanto às interpretações favoráveis à escravidão e à subjugação das mulheres na Igreja e na sociedade.” (SANTOS, MUSSKOPF, 2018, p 338).

Esse movimento, iniciado por Stanton, de reinterpretação da bíblia foi motivado pelo movimento das sufragistas nos Estados Unidos (que lutava pelo direito das mulheres ao voto) e um dos argumentos que elas escutavam era de que as mulheres deveriam ser submissas e não falar em público, conforme está escrito na bíblia. Elas eram chamadas de pecadoras, pois estavam indo contra a vontade de Deus (SANTOS, MUSSKOPF, 2018). A bíblia era usada por homens como argumento para silenciar as mulheres e reprimir suas lutas por igualdade e direitos.

O movimento sufragista, iniciado no século XIX, só teve sucesso no Brasil no século XX, assim como outras reivindicações dos movimentos feministas, garantindo novos direitos para as mulheres. Porém, mesmo com as lutas e a secularização, a religião/igreja continua atuante e exercendo influência e poder nas decisões públicas. Na virada do século XXI, tivemos um crescimento significativo da atuação de grupos religiosos, especialmente coletivos evangélicos, na política do país (MACHADO, 2012). A chamada bancada evangélica tem atuado de forma conservadora e incisiva, gerando grande embate com movimentos identitários, em especial com as pautas feministas e da comunidade LGBTQIA+, de modo a interferir em políticas, como “a descriminalização do aborto; a união civil entre pessoas do mesmo sexo; a adoção de crianças por casais homoafetivos; a criminalização da homofobia; a inclusão das cirurgias de readequação sexual entre os serviços do Sistema Único de Saúde etc.” (MACHADO, 2012, p.33). Essas interferências estão ligadas diretamente a ideologias cristãs, nos mostrando que os direitos conquistados ainda são frágeis e que a ascensão política de religiosos conservadores pode colocar em risco a garantia dos direitos das minorias – como vem acontecendo no Brasil desde o impeachment de 2016 e se intensificando no governo Bolsonaro.

“O Culto”

Conforme mencionado, a primeira ideia para essa performance surgiu em 2015, após uma longa reflexão sobre minha vida, lembranças de acontecimentos marcantes dentro da igreja, minha relação com meu pai e o período político que estávamos vivenciando de impeachment em nome de “Deus e da família”.

Minha pesquisa e performance é uma abordagem sobre como a bíblia é base conceitual para a construção do patriarcado e da sociedade machista em que vivemos. Embora a bíblia não seja um livro científico e tenha sido escrita por vários autores, para um povo específico (Israelitas) num tempo específico, onde os costumes e a cultura eram outros e muito diferentes do nosso tempo atual, a bíblia é usada como modo de vida a ser seguido até hoje por muitas pessoas de referência. Edir Macedo da IURD⁶, Silas Malafaia da Assembleia de Deus, R. R. Soares da IIGD⁷ são exemplos de pastores que influenciam multidão de pessoas (fiéis) por meio das igrejas baseadas no ensino da bíblia. O catolicismo e o evangelismo seguem a bíblia como verdade e são religiões de base para a sociedade dominante, e nas passagens bíblicas encontram os argumentos e justificativas necessários para manterem seus privilégios e as mulheres sob controle, conforme veremos nos versículos utilizados na apresentação da performance. Embora nem todas as pessoas pratiquem essas religiões, o pensamento patriarcal bíblico, que coloca a mulher como um ser inferior, se tornou estrutural na sociedade e é reproduzido, ainda que inconscientemente, diariamente.

Depois de várias leituras e pesquisa, defini, com a ajuda da minha orientadora, as passagens que seriam lidas, criei o roteiro de ações e intitulei a performance de “O Culto”. A ideia inicial foi realizar uma ação que lembrasse um culto religioso, parecido com o de uma igreja evangélica.

A performance aconteceu numa sala do curso de teatro da UFU, às 20 horas do dia 11 de dezembro de 2019. As cadeiras foram colocadas numa disposição parecida com as de uma igreja. Usei uma estante de partitura ao centro para apoiar a bíblia (no lugar de um púlpito), de frente para o corredor central entre as cadeiras, uma mesa ao lado da estante com uma garrafa de água, uma caixa de som e um microfone. Após a entrada do público, entrei vestida como um pastor de

⁶ Igreja Universal do Reino de Deus

⁷ Igreja Internacional da Graça de Deus

igreja, usando camisa branca, gravata, calça social, blazer, cinto, sapato e meia social, cabelos presos e embutidos dentro da camisa para escondê-los, e carregando a bíblia.



Fig. 1: *O Culto*. Foto: Alessandro Carvalho. Acervo pessoal

Durante a criação do roteiro de ações, a imagem do pastor de igreja era muito forte na minha mente. Lembro muito do pastor da primeira igreja que frequentei ainda criança, e da imagem do homem viril, vestido com roupa social, com autoridade e sendo o chefe da igreja e da família – além da lembrança do meu pai. O pastor representa a autoridade na igreja e ninguém costuma questioná-lo. Ele faz a pregação, lê a bíblia e tem autoridade para falar em nome de Deus.



Fig. 2: *O Culto*. Foto: Alessandro Carvalho. Acervo pessoal

Passei pelo corredor e cheguei até a estante, coloquei a bíblia nela, peguei o microfone e dei boa noite a todas/os. Na divulgação da performance, foi recomendado que as pessoas levassem uma bíblia, então pedi para que abrissem a bíblia em Gênesis, capítulo 2, versículos 21 ao 23, e comecei a performance. Todas as passagens foram sobre a mulher, todas as passagens foram sobre como a mulher é representada na bíblia e/ou como ela deve se comportar e/ou ser tratada. No total, foram lidas 21 passagens; ao final de cada leitura, eu rasgava a folha da bíblia e a comia. Terminei a performance me despindo e saindo pelo corredor.

A escolha da roupa, das ações, dos objetos tem fortes significados para mim. Vestir-me com roupas de homem, roupa social masculina, não representa apenas o pastor da igreja, mas é uma característica marcante do homem patriarcal, do homem de negócios, que tem poder de fala, de dinheiro, de decisões, são os empresários, os políticos, os pastores e diáconos de igreja que usam esse tipo de vestimenta. A roupa social masculina é carregada de significados, remete a um status de poder e imponência. Durante a performance, eu assumo esse lugar, eu interpreto esse papel do homem macho patriarcal.

Todas as passagens são sobre a(s) mulher(es) e a maioria eu conheci enquanto era da igreja. No momento em que me desligo por completo da igreja e reflito sobre tudo que me foi ensinado lá, sinto como se tivesse sofrido uma manipulação muito grande, a sensação é de que me fizeram engolir os ensinamentos da bíblia. Decido reproduzir essa ação literalmente. Então ao final de cada passagem lida, eu rasgo a folha e a como, mastigo por um longo tempo, o papel não dissolve, fica entalado na boca, depois de muito tempo ele vai virando uma massa que

embrulha o estômago, mas não chego a vomitar. Prevendo a dificuldade de mastigar e engolir o papel eu recorro à garrafa de água, mesmo com dificuldades repito essa ação a cada passagem lida.

A ação de me despir também é um ato simbólico: dispo-me da representação, sinto como se eu tirasse de mim, do meu corpo, todo o fardo da minha criação, todo o peso da igreja, do patriarcado, que estava carregando havia anos nas minhas costas. Ao me despir eu me liberto, mostro meu corpo de mulher, uma mulher que não aceita o sistema patriarcal, que não aceita a cartilha bíblica do que é ser mulher (do lar, submissa, conformada, casada com um homem, mãe de filhos, sem autonomia ou vontade própria), uma mulher que quer e luta por liberdade e igualdade.



Fig. 3: *O Culto*. Foto: Alessandro Carvalho. Acervo pessoal

Ao todo, foram lidas 21 passagens bíblicas⁸. Selecionei abaixo os trechos que considero mais relevantes para as discussões de gênero nas pautas feministas, em relação ao que está escrito na Bíblia.

A criação e o pecado segundo a bíblia: GÊNESIS 2:21-23; GÊNESIS 3:1-16.

21 Então o SENHOR Deus fez cair um sono pesado sobre Adão, e este adormeceu; e tomou uma das suas costelas e fechou a carne em seu lugar; 22 E da costela que o SENHOR Deus tomou do homem, formou uma mulher, e levou-a a Adão. 23 E disse Adão: Esta é agora osso dos meus ossos e carne da minha carne; esta será chamada mulher, porquanto do homem foi tomada. (GÊNESIS 2:21-23).

1 ORA, a serpente era mais astuta que todos os animais do campo que o SENHOR Deus tinha feito. E esta disse à mulher: É assim que Deus disse: Não comereis de toda a árvore do jardim? 2 E disse a mulher à serpente: Do fruto das árvores do jardim podemos comer, 3 Mas do fruto da árvore que está no meio do jardim, disse Deus: Não comereis dele, nem nele tocareis, para que não morrais. 4 Então a serpente disse à mulher: Certamente não morrereis. 5 Porque Deus sabe que no dia em que dele comerdes se abrirão os vossos olhos, e sereis como Deus, conhecendo o bem e o mal. 6 E viu a mulher que aquela árvore era boa para se comer, e agradável aos olhos, e árvore desejável para dar entendimento; tomou do seu fruto, e comeu, e deu também a seu marido que estava com ela, e ele comeu. 7 Então foram abertos os olhos de ambos, e souberam que *estavam* nus; e coseram folhas de figueira, e fizeram para si aventais. 8 E ouviram a voz do SENHOR Deus, que passeava no jardim pela viração do dia; e esconderam-se Adão e sua mulher da presença do SENHOR Deus, entre as árvores do jardim. 9 E o SENHOR Deus chamou Adão, e disse-lhe: Onde estás? 10 E ele disse: Ouvi a tua voz no jardim e temi, porque estava nu, e escondi-me. 11 E Deus disse: Quem te disse que estavas nu? Comeste tu da árvore de que te ordenei que não comesses? 12 Então disse Adão: A mulher que me deste por companheira, ela me deu da árvore, e eu comi. 13 E disse o SENHOR Deus à mulher: Que é isto que fizeste? E disse a mulher: A serpente me enganou, e eu comi. 14 E o SENHOR Deus disse à serpente: Porquanto fizeste isso, maldita serás mais que todo o gado, e mais que todos os animais do campo; sobre o teu ventre andarás, e pó comerás todos os dias da tua vida. 15 E porei inimizade entre ti e a mulher, e entre a tua semente e a sua semente; esta te ferirá a cabeça, e tu lhe ferirás o calcanhar. 16 E à mulher disse: Multiplicarei grandemente a tua dor e a tua concepção; com dor darás à luz filhos; e o teu desejo será para o teu marido, e ele te dominará. (GÊNESIS 3:1-16).

Começo a leitura em Gênesis, na passagem que fala sobre a criação da mulher e diz que Deus criou a mulher da costela de Adão e a fez para ele. A primeira passagem bíblica que introduz a mulher já a coloca em posição de subalterna: uma vez que ela foi criada do homem e

⁸ *Gênesis 2:21-23; Gênesis 3:1-16; Gênesis 16:1-6; Levítico 12:2-6; Levítico 15:18-27; Levítico 21:7, 13-14; Números 5:17-22, 29-31; Deuteronômio 21:10-14; Deuteronômio 22:5, 13-30; 1 Reis 11:1-4; Esdras 10:10-11; Ester 1:9-22; Provérbios 7:6-27; Provérbios 31:10-30; 1 Coríntios 11:13-15; 1 Coríntios 14:34-35; Efésios 5:22-24; 1 Timóteo 2:11-15; Tito 2:3-5; 1 Pedro 3:1-6; Apocalipse 17:1-6.*

para o homem, ela não é apresentada como pessoa, vista como sujeito autônomo, e sim como uma extensão do homem, uma recompensa para ele. Essa ideia de que a mulher é propriedade do homem e está a serviço dele é uma das características do patriarcado e, como podemos ver na bíblia, a passagem poderia ser a origem dessa ideia ou a ideia ter sido a origem para a escrita da passagem. Na luta contra o patriarcado, essa é uma das principais reivindicações feministas: a mulher ser vista como sujeito e não como uma propriedade e/ou extensão do homem.

A teoria feminista, segundo Judith Butler (2003), presume que existe uma identidade determinada, pela categoria das mulheres, que busca os objetivos e interesses feministas dentro do seu discurso e a constituição do sujeito que almeja a representação política. Visto que estamos inseridas numa sociedade patriarcal, que opera e legitima o discurso dominante, as mulheres, durante muitos anos, não eram reconhecidas como sujeito e não tinham seus interesses representados. O homem era o sujeito capaz de decidir sobre todas as coisas.

Na sequência das leituras, a segunda passagem fala que a mulher, induzida pela cobra, cometeu o pecado ao comer o fruto proibido do jardim e ofereceu a seu marido, fazendo-o pecar também. Deus então pune a todos eles, mas é muito mais severo com a cobra e com a mulher frisando que a mulher passará a ter muita dor ao dar a luz e será dominada pelo homem. Essa passagem é citada como referência por muitos pastores e padres para afirmar que a origem do pecado é culpa da mulher – Ouvi, em pregações da minha época de igreja, o pastor falar que a mulher é ardilosa, que se deve ter muito cuidado com a astúcia da mulher, que ela foi à responsável pelo pecado original. “Segundo a famosa citação de Tertuliano de Cartago, ‘A mulher é a porta do inferno. É por meio da mulher que o diabo atinge o homem’” (SANTOS, MUSSKOPF, 2018, p 349). Além disso, a passagem também é usada para reafirmar e justificar a dominação que o homem pode ter sobre a mulher, já que esse foi um dos castigos de Deus sobre Eva. Segundo Stanton na interpretação de Gênesis 3: 1-24, destaca-se a coragem e a ambição de Eva por conhecimento traçando uma nova compreensão da passagem (SANTOS, MUSSKOPF, 2018).

Relação senhora e serva: GÊNESIS 16:1-6

1 ORA, Sarai, mulher de Abrão, não lhe gerava filhos, e ela tinha uma serva egípcia, cujo nome era Agar. 2 E disse Sarai a Abrão: Eis que o SENHOR me impediu de gerar filhos; chega-te, pois, à minha serva; porventura terei filhos dela. E ouviu Abrão a voz de Sarai. 3 Assim, Sarai, mulher de Abrão, tomou Agar, a egípcia, sua serva, e deu-a por mulher a Abrão, seu marido, ao fim de dez anos que Abrão

habitara na terra de Canaã. 4 E ele achegou-se a Agar, e ela concebeu; e vendo ela que concebera, foi sua senhora desprezada aos seus olhos. 5 Então disse Sarai a Abrão: Meu agravo *seja* sobre ti; minha serva pus eu em teu regaço; vendo ela agora que concebeu, sou menosprezada aos seus olhos; o SENHOR julgue entre mim e ti. 6 E disse Abrão a Sarai: Eis que tua serva *está* na tua mão, faze-lhe o que *é* bom aos teus olhos. E afligiu-a Sarai, e ela fugiu de sua face. (GÊNESIS 16:1-6).

A passagem de Sarai, Abrão e Agar traz várias questões, dentre elas, a relação da Senhora com a serva – e essa relação remete muito às questões do feminismo descolonial/decolonial⁹. O feminismo decolonial traz as reivindicações de mulheres não representadas na categoria universal de “mulheres”. No sistema de colonialidade, temos o homem branco detentor do poder e inteligência, a mulher branca reprodutora do sistema e mentalidade dominante e os dominados que são os negros, indígenas, latinos e outros. Na categoria dos dominados, temos a ausência das mulheres negras, indígenas e latinas, porque, segundo a classificação hierárquica hegemônica, refere-se sempre ao membro superior da categoria dicotômica; portanto, elas não estão dentro da categoria de mulheres, pois não são brancas, e não estão na categoria de negros, indígenas e latinos, pois não são homens. (LUGONES, 2014).

Segundo a bíblia, os Israelitas são o povo escolhido por Deus (Lv 20:24-26), e várias passagens falam pejorativamente sobre os outros povos; falam, por exemplo, que os homens Israelitas não deveriam se casar com mulheres estrangeiras (Ed 10:10-11), que esses povos estão errados, pois adoram a vários Deuses (1Rs 11:1-4) etc. Esse pensamento alimenta as relações de dominação que acontecem até hoje, como Europeus e Latinos, e que promovem uma série de situações como racismo, xenofobia, entre outros e que são pautas do feminismo decolonial.

A mulher na bíblia é sempre inferior ao homem, como podemos ver nas passagens desta performance. Porém, o fato de Sarai ser Israelita a torna superior a Agar, que é egípcia e serva, portanto, deve obediência à sua senhora sem reclamar. O fato de Sarai não conseguir ter filhos a deixa muito aflita, porque outro ponto que a bíblia levanta é de que a mulher deve gerar filhos e que isso é uma forma de redimir seus pecados (1Tm 2: 13-15), mais uma vez fazendo referência

⁹ Tanto o termo decolonial quanto o descolonial são empregados na teoria crítica sobre as colonialidades. A apropriação do inglês *decolonial*, com a remoção do ‘s’, de acordo Catherine Walsh (2009), não é para promover o anglicismo, mas para marcar uma distinção em relação ao significado do prefixo “des” na língua espanhola. Walsh afirma que com isso não se pretende superar o colonial, ou seja, passar de um momento colonial para outro não colonial. A intenção é provocar um posicionamento de “transgredir, intervir, insurgir e incidir. O decolonial denota, então, um caminho de luta contínuo no qual podemos identificar, visibilizar e incentivar ‘lugares’ de exterioridade e construções alternativas” (WALSH, 2009 p.14 *apud* FISCHER, 2017, p.17) contra as colonialidades globais (FISCHER, 2017, p.17). Ao longo do texto opto por usar o termo decolonial.

ao pecado original. No desespero de não conseguir ter filhos, Sarai faz com que seu marido se deite com sua serva para que ela tenha filhos.

Como a passagem só nos conta o ponto de vista de Sarai, levanto algumas problematizações: Será que Agar estava de acordo em se deitar com o marido de sua senhora? (Essa relação pode ter sido forçada) Estava ela de acordo em ter um filho? Em entregar seu filho para que sua senhora o criasse como sendo dela? Apesar dessas questões, parece-me que as vontades de Agar não são relevantes do ponto de vista bíblico, porque ela é mulher, ela é estrangeira, ela é escrava e deve obediência à sua senhora e seu senhor. Depois de Agar dar a luz, Sarai fica com ciúmes e vai tirar satisfações com seu marido; ele deixa claro que não vai se intrometer na situação, deixando-a livre para que resolva com a serva como bem entender. Sarai castiga (bate) sua serva, apesar de ela ter feito tudo conforme o desejo de sua senhora.

A mulher é considerada imunda quando... : LEVÍTICO 12:2-6; LEVÍTICO 15:18-27.

2 Fala aos filhos de Israel, dizendo: Se uma mulher conceber e der à luz um menino, será imunda sete dias, assim como nos dias da sua menstruação será imunda. 3 E no oitavo dia se circuncidará a carne do prepúcio do menino. 4 Depois ficará ela trinta e três dias a purificar-se do seu sangue; nenhuma coisa santa tocará, e não virá ao santuário até que se cumpram os dias da sua purificação. 5 Mas, se der à luz uma menina, será imunda duas semanas, como na sua menstruação; depois ficará sessenta e seis dias a purificar-se do seu sangue. 6 E quando forem cumpridos os dias da sua purificação por filho ou por filha, trará um cordeiro de um ano por holocausto, e um pombinho ou uma rola para oferta pelo pecado, diante da porta da tenda da congregação, ao sacerdote. (LEVÍTICO 12:2-6).

18 E também a mulher com que homem se deitar com semente da cópula, ambos se banharão com água, e serão imundos até a tarde; 19 Mas a mulher, quando tiver fluxo, e o seu fluxo de sangue estiver na sua carne, estará sete dias na sua menstruação, e qualquer que a tocar será imundo até a tarde. 20 E tudo aquilo sobre o que ela se deitar durante a sua menstruação será imundo; e tudo sobre o que se assentar será imundo. 21 E qualquer que tocar a sua cama, lavará as suas vestes, e se banhará com água, e será imundo até a tarde. 22 E qualquer que tocar alguma coisa, sobre o que ela se tiver assentado, lavará as suas vestes, e se banhará com água, e será imundo até a tarde. 23 Se também *algo estiver* sobre a cama, ou sobre qualquer lugar em que ela se assentou, quem o tocar, será imundo até a tarde. 24 E se, com efeito, qualquer homem se deitar com ela, e a sua imundície estiver sobre ele, imundo será por sete dias; também toda cama, sobre a qual se deitar, será imunda. 25 Também a mulher, quando manar o fluxo do seu *a* sangue, por muitos dias fora do tempo da sua menstruação, ou quando tiver fluxo de sangue por mais tempo do que a sua menstruação, todos os dias do fluxo da sua imundície será imunda, como nos dias da sua menstruação. 26 Toda cama, sobre a qual se deitar todos os dias do seu fluxo, ser-lhe-á como a cama da sua menstruação; e toda coisa, sobre a qual se assentar, será imunda, conforme a imundície da sua menstruação. 27 E qualquer que tocar essas coisas será imundo; portanto, lavará as suas vestes, e se banhará com água, e será imundo até a tarde. (LEVÍTICO 15:18-27).

Muitos movimentos de mulheres no século XXI (principalmente os movimentos ligados ao sagrado feminino) buscam desmitificar a relação da mulher com o sangue da menstruação e com o parto, de que seria um sangue impuro, poluído, despertando um sentimento de nojo e repulsa como se fosse um sangue diferente do que corre nas veias (SARDENBERG, 1994). Essas questões que podem ter sido originadas do livro de Levítico, visto que, neste livro, a mulher é considerada imunda quando menstrua, quando dá a luz (se der a luz a uma menina ela é considerada imunda o dobro de tempo) e quando tem relações sexuais com o homem, sendo necessário ela ficar em isolamento, e tudo que ela tocar nestes períodos é considerado imundo também.

Punições sobre as mulheres em situações de estupro: DEUTERONÔMIO 22: 23-29.

23 Quando houver moça virgem, desposada com algum homem, e um homem a achar na cidade, e se deitar com ela, 24 Então tirareis ambos à porta daquela cidade, e com pedras os apedrejareis, até que morram; a moça, porquanto não gritou na cidade, e o homem, porquanto humilhou a mulher do seu próximo; assim tirarás o mal do meio de ti. 25 E se algum homem no campo achar uma moça desposada, e o homem a forçar, e se deitar com ela, então morrerá só o homem que se deitou com ela; 26 Porém à moça não farás nada; a moça não tem culpa de morte; porque, como o homem que se levanta contra o seu próximo, e lhe tira a vida, assim é este caso. 27 Pois a achou no campo; a moça desposada gritou, e não houve quem a livrasse. 28 Quando um homem achar uma moça virgem, que não for desposada, e tomá-la, e se deitar com ela, e forem apanhados, 29 Então o homem que se deitou com ela dará ao pai da moça cinquenta siclos de prata; e porquanto a humilhou, lhe será por mulher; não a poderá repudiar em todos os seus dias. (DEUTERONÔMIO 22: 23-29).

Uma das pautas mais urgentes do feminismo na atualidade é acabar com a cultura do estupro, cultura que naturaliza as ocorrências de estupro e culpabiliza a vítima pela roupa que estava usando, por estar alcoolizada, por estar andando sozinha na rua à noite, entre outras coisas (FISCHER, 2017). O mesmo ocorre na passagem de Deuteronômio 22 a partir do versículo 23: são ocorrências de estupro em que a vítima (mulher) pode ser considerada culpada e morta ou acaba sendo obrigada a se casar com o estuproador. Se uma mulher casada for estuprada dentro da cidade, mas não ouvirem seus gritos ela deve ser morta junta com seu agressor, pois, se não gritou, é considerado que ela consentiu. Se o mesmo acontecer com uma mulher virgem, o homem pode se redimir pagando uma quantia ao pai da moça e casando-se com ela e, neste caso, a moça não tem escolha, ela é obrigada a se casar com seu agressor. Em todas estas passagens mostra-se a mulher subjugada pela lei que inocenta os homens e culpabiliza a mulher.

A importância de ressaltar esses trechos bíblicos e de trazer essa discussão se baseia na forma como são constituídas as leis que dizem respeito às mulheres, principalmente as que envolvem estupro e aborto nos dias atuais no Brasil. A maioria dos projetos apresentados é escrita por homens, que muitas vezes fazem parte de algum partido conservador e/ou bancada evangélica. No Brasil, até 2005, no inciso VII do artigo 107 do Código Penal na Lei 11.160, previa-se o casamento do estuprador com a vítima, extinguindo-se assim a punibilidade do agressor¹⁰. Atualmente, está em trâmite no Senado um projeto de Lei (PL 5.435/2020), que recebeu o apelido de “Bolsa Estupro”, de autoria do senador Eduardo Girão do Podemos/CE. O PL dispõe sobre o estatuto da gestante, dificultando o aborto a vítimas de estupro e criando um auxílio financeiro para a criança até atingir a maioria¹¹. Este projeto é um embate com o direito, já legalizado, da mulher de abortar em caso de estupro. O projeto usa, como justificativa, o direito à vida do nascituro, desconsiderando a gravidade do crime perpetrado, prevendo ainda direitos ao estuprador de poder exercer a paternidade.

Nada novo para a mulher no Novo Testamento: 1 CORÍNTIOS 14:34-35; EFÉSIOS 5:22-24; 1 TIMÓTEO 2:11-15.

34 As vossas mulheres estejam caladas nas igrejas; porque não lhes é permitido falar, mas estejam sujeitas, como também ordena a lei. 35 E se querem aprender alguma coisa, interroguem em casa seu próprio marido; porque é indecente que as mulheres falem na igreja. (1 CORÍNTIOS 14:34-35).

22 Vós, mulheres, sujeitai-vos a vosso próprio marido, como ao Senhor; 23 Porque o marido é a cabeça da mulher, como também Cristo, a cabeça da igreja; e ele é o salvador do corpo. 24 De sorte que, assim como a igreja está sujeita a Cristo, assim também as mulheres *estejam* em tudo sujeitas a seu próprio marido. (EFÉSIOS 5:22-24).

11 A mulher aprenda em silêncio, com toda a sujeição. 12 Não permito, porém, que a mulher ensine, nem use de autoridade sobre o marido, mas que esteja em silêncio. 13 Porque primeiro foi formado Adão, depois Eva. 14 E Adão não foi enganado; mas a mulher, sendo enganada, caiu em transgressão. 15 Ela salvar-se-á, porém, dando à luz filhos, se permanecer na fé, na caridade, e na santificação, com modéstia. (1 TIMÓTEO 2:11-15).

¹⁰ Veja mais em: <https://jus.com.br/artigos/56710/o-que-a-vigencia-do-artigo-1520-do-codigo-civil-diz-sobre-a-percepcao-do-estupro> e <https://www.jusbrasil.com.br/topicos/10627547/artigo-107-do-decreto-lei-n-2848-de-07-de-dezembro-de-1940> Acesso em: 06/04/2021.

¹¹ Fonte: <https://www25.senado.leg.br/web/atividade/materias/-/materia/145760> Texto completo sobre o projeto em: <https://legis.senado.leg.br/sdleg-getter/documento?dm=8911162&ts=1616615444408&disposition=inline> Acesso em: 06/04/2021.

As três passagens citadas no novo testamento só reforçam o processo de silenciamento da mulher e sua posição de subalternidade em relação ao homem. A ela não são dado o direito de falar, de se expressar, de ensinar, de questionar; pelo contrário, ela deve ser submissa ao marido, ela é uma propriedade do homem. No Brasil, o Código Civil de 1916, revogado em 2002, previa a total submissão das mulheres: enquanto menores, deviam obediência ao pai e na maioridade (casadas), deviam obediência ao marido, como aponta o artigo 242 do antigo Código Civil¹². A elas não eram dados os direitos de uma vida civil independente, as mulheres não eram consideradas capazes de responder por seus atos.

A bíblia foi e é usada para legitimação do patriarcado social e eclesiástico. No Brasil é possível verificar, na fala de pastores conservadores, pregações que reforçam a submissão das mulheres como mandamento bíblico. O pastor Edir Macedo da IURD, durante um culto, falou que não deixou suas filhas fazerem faculdade porque elas não poderiam ter mais conhecimento que os maridos, pois a vontade de Deus é que o homem seja o cabeça da mulher e uma mulher estudada (doutora) serve a si mesma e não a Deus¹³. Tanto na fala do pastor, quanto nos versículos acima podemos ver que as coisas não mudam no que se refere à vida das mulheres no novo testamento. As passagens têm o mesmo teor do antigo testamento e só reforçam a posição de submissão da mulher ao homem/marido. Além disso, nessas passagens há a referência de que isso é consequência do pecado original, determinando que a redenção para elas seja a de serem boas esposas e gerarem filhos.

Considerações Finais

A performance é uma linguagem artística que tem sido cada vez mais usada por artistas feministas e também dentro dos movimentos feministas, por possibilitar ações que questionam o machismo, a misoginia, o patriarcado, o feminicídio, entre outros. Essas performances podem partir de questões individuais, coletivas, autobiográficas, sociais, políticas etc. Mas, independentemente do disparador, esses trabalhos têm o objetivo de conscientizar as pessoas sobre a importância dos feminismos e de combater o discurso dominante patriarcal e toda a opressão que ele causa às mulheres.

¹² Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/13071.htm Acesso em: 06/04/2021.

¹³ Disponível em: <https://www.instagram.com/tv/B2uufu3Hwaa/?igshid=11feykj7dyg00> Acesso em 07/04/2021

Embora a religião e a bíblia sejam antigas e não condigam mais com nosso tempo e com a cultura atual, elas são tidas como verdades, e é notável que esses dogmas sustentam até hoje os discursos dominantes dentro e fora da igreja. Afirmo isso, pois vivenciei essa opressão na minha casa, nas igrejas que frequentei e em nosso cotidiano social e político. É possível notar o impacto desses discursos baseados na bíblia com o crescente avanço da bancada evangélica e de conservadores dentro da política, que com frequência articulam leis que interferem na vida e na autonomia das mulheres. Isso nos mostra que, embora a luta feminista já tenha conseguido muitas das suas reivindicações, essas conquistas são frágeis e podem ser anuladas por políticos, fanáticos religiosos, entre outros, se não estivermos sempre no ativismo.

Unir esses temas para desenvolver minha pesquisa e realizar a performance foi muito importante para externalizar o que eu sentia e o que vivi. Porém, para além de ser um trabalho catártico, pude perceber que, embora o tema partisse das minhas questões pessoais, esses acontecimentos não eram uma particularidade minha, essa opressão religiosa patriarcal não afetou/afeta só a mim, mas é recorrente na sociedade e na vida de outras pessoas também, ainda que de formas e intensidades diferentes. Na minha percepção, por meio do trabalho aqui relatado, a arte da performance possibilita desestabilizar (ainda que numa microesfera) o discurso dominante, trabalhar em conjunto a movimentos sociais e de minorias, e criar uma arte que questiona os dogmas, o patriarcado, a política, entre outras formas de dominação e opressão.

Referências

ASAD, Talal. A construção da religião como uma categoria antropológica. **Cadernos de campo**, São Paulo, n. 19, p. 263-284, 2010.

BERNSGEIN, Ana. A Performance solo e o sujeito autobiográfico. **Sala Preta**, v. 1, p. 91-103, 26 set. 2001.

BÍBLIA. **Bíblia Sagrada**. Tradução: João Ferreira de Almeida. Sociedade Bíblica do Brasil. São Paulo, 1995.

BRETON, David Le. **Adeus ao corpo: Antropologia e sociedade**. 3º Ed. Campinas: Papyrus, 2003.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero:** Feminismo e subversão da identidade. Tradução: Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CARLSON, Marvin. **Performance:** Uma introdução crítica. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

CRUZ, Rúbia Cristina. As pesquisas narrativas. *In: A gestora escolar:* entre a prática e a gramática. Tese (doutorado) - Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Educação - Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2012.

FISCHER, Stela Regina. **Mulheres, Performance e Ativismo:** a resignificação dos discursos feministas na cena latino-americana. Tese (doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas - Escola de Comunicação e Artes / Universidade de São Paulo. São Paulo, 2017.

FORTIN, Sylvie. Contribuições possíveis da etnografia e da auto-etnografia para a pesquisa na prática artística. **Revista Cena**, Rio Grande do Sul, n. 7, p. 77-88, 2009.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade I:** A vontade de saber. Tradução: Maria Thereza da Costa Albuquerque e J.A Guilhon Albuquerque. 13º Ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

GLUSBERG, Jorge. **A arte da Performance.** São Paulo: Perspectiva, 1987.

LEAL, Mara Lucia. **Memória e(m) Performance:** Material autobiográfico na composição da cena. Uberlândia: EDUFU, 2014.

LUGONES, María. Rumo a um feminismo descolonial. **Estudos Feministas**, Florianópolis, 22(3): 320, setembro-dezembro/2014

MACHADO, Maria das Dores Campos. Religião, Cultura e Política. **Religião e Sociedade**,

Rio de Janeiro, 32(2): 29-56. 2012.

MARIANO, Ricardo. Laicidade à brasileira: Católicos, pentecostais e laicos em disputa na esfera pública. **Civitas – Revista de Ciências Sociais**, Porto Alegre v. 11, n.2, p. 238-258, maio-ago. 2011.

SANTOS, Odja B; MUSSKOPF, André S. Interpretação Bíblica: raízes patriarcais e leituras feministas. **INTERAÇÕES**, Belo Horizonte, v. 13, n. 24, p. 334-354, Ago./Dez. 2018

SARDENBERG, Cecilia M. B. De Sangrias, Tabus e Poderes: a menstruação numa perspectiva sócio-antropológica. **Estudos Feministas**, vol. 2, no. 2, p. 314–344. 1994.